

ARTIGO ORIGINAL

O Impacto da Pandemia Covid-19 na Permissividade dos Pais: Um Estudo Transversal

Marina Steinbach¹; Pedro Vitali Kammer²; Camila Alvarenga da Silva³
Kleyslla Souza Santos⁴; Victor André Silva de Lima⁵; Carla Massignan⁶
Michele da Silva Bolan⁷

Destaques:

1. Os pais permitiram menos que seu filho brincasse/praticasse atividades físicas.
2. Os pais permitiram mais o uso de dispositivos eletrônicos para entretenimento.
3. Os pais permitiram menos visitas à casa de amigos/familiares, loja, mercado, shopping.

RESUMO

Este estudo transversal buscou descobrir como a pandemia impactou a permissividade dos pais no que se refere ao uso de dispositivos eletrônicos, atividades físicas e interações sociais. Os 466 pais de crianças com idade entre 3 e 10 anos responderam um questionário *on-line* sobre a frequência com que permitiram que seus filhos fizessem uso de dispositivos eletrônicos e participassem de atividades sociais após o início da pandemia de Covid-19. As variáveis independentes foram idade e sexo da criança, renda familiar e a quantidade de pessoas que contribuem para a renda, forma de trabalho durante a pandemia, se o respondente era responsável pelas atividades domésticas e se estas afetavam a sua rotina, e quem cuidava da criança quando precisava sair de casa. A avaliação da distribuição das variáveis independentes (categóricas), conforme os 3 graus da variável dependente (mais, menos, igual), e a permissão dos pais (categórica ordinal), foi realizada pelo teste do Qui-quadrado. Após o início da pandemia os pais permitiram menos brincadeiras/atividades físicas em ambientes públicos (409 – 87,76%) e visita à casa de amigos e familiares (421 – 90,34%), e aumentaram a frequência de permissão do uso de dispositivos eletrônicos para entretenimento (358-76,8%). A frequência de levar os filhos para mercados, lojas, *shoppings* e similares não teve alteração significativa ($p=0.1494$). O presente estudo apontou mudanças significativas na permissividade dos pais devido ao isolamento requerido pela pandemia de Covid-19.

Palavras-chave: crianças; Covid-19; tempo de tela; atividade física; desenvolvimento infantil.

¹ Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Florianópolis/SC, Brasil. <https://orcid.org/0000-0001-7081-2061>

² Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Florianópolis/SC, Brasil. <https://orcid.org/0000-0001-6086-4810>

³ Universidade de Brasília (UNB). Brasília/DF, Brasil. <https://orcid.org/0000-0003-0201-8020>

⁴ Universidade de Brasília (UNB). Brasília/DF, Brasil. <https://orcid.org/0000-0003-1086-602X>

⁵ Universidade de Brasília (UNB). Brasília/DF, Brasil. <https://orcid.org/0000-0003-1622-1265>

⁶ Universidade de Brasília (UNB). Brasília/DF, Brasil. <https://orcid.org/0000-0001-8033-055X>

⁷ Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Florianópolis/SC, Brasil. <https://orcid.org/0000-0002-2835-9061>

INTRODUÇÃO

A Covid-19 foi considerada, em março de 2020, a segunda pandemia do século 21 pela Organização Mundial da Saúde (OMS)¹. Pela ausência de informações relacionadas à prevenção, tratamento, taxa de transmissibilidade e infecção da doença, as intervenções não farmacológicas (INFs), como modos de proteção individual (lavagem das mãos, etiqueta respiratória e isolamento social), ambiental (limpeza rotineira de ambientes e superfícies) e comunitária (restrição ou proibição de espaços onde possa haver aglomeração de pessoas)², foram as medidas recomendadas à época³.

A utilização dessas medidas impactou significativamente nas atividades diárias das pessoas e, conseqüentemente, na vida em sociedade. No conjunto das medidas instituídas a restrição do contato social foi, dentre as medidas de proteção individual, a que provocou maior consequência para a saúde mental⁴ e física das pessoas⁵.

Sendo o isolamento social considerado a medida mais efetiva na diminuição da transmissibilidade da doença, gerou mudanças repentinas no cotidiano das famílias e se mostrou uma experiência desafiadora para muitos. A distância que nos é imposta em relação às pessoas que amamos, a restrição das nossas liberdades cotidianas, a incerteza decorrente do desconhecimento do estado da doença e a monotonia, podem, em determinados momentos, provocar efeitos significativos e emocionalmente intensos⁶.

Assim, para cumprir as recomendações de isolamento muitos pais alteraram a frequência com que permitiram seus filhos realizarem atividades na presença de outras pessoas, e estudos⁷ ressaltam que a falta de interação regular com colegas da mesma idade pode atrasar o desenvolvimento de habilidades sociais cruciais e afetar a autoestima e a autoconfiança.

Embora existam estudos prévios relativos ao aumento do uso de dispositivos eletrônicos tanto em crianças quanto em adultos após a instalação da pandemia por Covid-19, não há pesquisas que abordaram explicitamente a influência da pandemia nas decisões parentais sobre a participação em atividades físicas e sociais presenciais e o uso desses dispositivos por crianças brasileiras. Diante disso, o presente estudo propôs-se a conhecer o impacto da Covid-19 na permissividade dos pais de crianças brasileiras de três a dez anos no que se refere ao uso de dispositivos eletrônicos, atividades físicas e interações sociais.

METODOLOGIA

Este é um estudo transversal observacional, aprovado no Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Ciências da Saúde (CEP/FS) da Universidade de Brasília sob o número 4.535.075. Está reportado de acordo com o guia de relato “Checklist for Reporting Results of Internet E-Surveys (CHERRIES)”. Todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Como o objetivo foi atingir grupos de pais de crianças de 3 a 10 anos de todo o Brasil, a amostra deu-se por conveniência por intermédio das mídias sociais. Para isso, utilizamos diversas mídias sociais, incluindo grupos de pais no WhatsApp, Instagram e Facebook. Além disso, em nosso convite solicitamos que os pais, se possível, encaminhassem para um amigo que tenha filho da mesma idade. Um questionário foi enviado eletronicamente para pessoas responsáveis pelas crianças, convidando-os a responderem perguntas sobre os hábitos sociais das crianças antes e depois do início da pandemia de Covid-19. Foram excluídos da amostra os responsáveis com idade abaixo de 18 anos.

Os dados foram obtidos de 4/3/2021 a 7/4/2021 por meio de formulário *on-line* criado e gerenciado a partir da ferramenta Google Forms, do Google Drive®, e tabulados no Microsoft Excel, do Microsoft Office®.

O questionário foi baseado no estudo desenvolvido⁸, adaptado e traduzido para o Português (brasileiro) para facilitar o entendimento dos participantes. Para melhor se relacionar com o objeto de pesquisa, foram excluídos alguns itens e desenvolvidos e adicionados outros, considerando a realidade brasileira.

A variável de desfecho foi a alteração da permissividade dos pais, provocada pela pandemia de Covid-19. É importante mencionar que este estudo não buscou identificar estilos parentais, por exemplo, autoritário, autoritativo ou indulgente (permissivo)⁹ nos pais entrevistados. Nessa pesquisa, a alteração de permissividade refere-se apenas à mudança na tolerância dos pais entrevistados ante a situações que, se ocorressem fora do momento pandêmico, não seriam permitidas.

Essa mudança de permissividade foi investigada mediante as seguintes perguntas, organizadas em blocos: Bloco 1: “Permiti meu(minha) filho(a) brincar/praticar atividades físicas com outras crianças em ambientes públicos (praças, quadras, parquinhos...)”?; Bloco 2: “Permiti meu(minha) filho(a) frequentar a casa de amigos/familiares”?; Bloco 3: “Levei meu(minha) filho(a) para lojas, mercados, *shoppings* e similares”?; Bloco 4: “Permiti meu(minha) filho(a) fazer uso de dispositivos eletrônicos para entretenimento? As opções de resposta eram: muito menos, menos, igual, mais e muito mais do que antes da pandemia.

As variáveis independentes foram idade e sexo da criança, renda familiar e a quantidade de pessoas que contribuem para a renda, forma de trabalho durante a pandemia, se o respondente era responsável pelas atividades domésticas e se estas afetavam a sua rotina, bem como informações sobre quem cuidava da criança quando precisava sair de casa.

A faixa etária foi agrupada de acordo com a Teoria de desenvolvimento de Piaget, que caracteriza o desenvolvimento infantil em quatro fases: sensorio motor (0 a 2 anos), pré-operacional (2 a 6 anos), operacional concreto (7 a 12 anos) e operacional formal (a partir dos 12 anos)¹⁰. Neste estudo são utilizadas apenas duas fases: a fase pré-operacional, o Grupo A (GA), crianças de 3 a 6 anos; e a fase operacional concreto, o Grupo B (GB), crianças de 7 a 10 anos.

Para o cálculo do tamanho amostral foi utilizado um estudo realizado em 2020¹¹, que concluiu que 85,8% dos pais apresentaram alteração de humor e estresse devido à pandemia. Esses dados trouxeram compreensão à magnitude do impacto psicológico da pandemia sobre os pais, propiciando uma base sólida para investigar como essas alterações emocionais podem influenciar a permissividade dos pais em relação ao comportamento de seus filhos. A alta prevalência de alterações emocionais, encontrada neste estudo, sugere que a pandemia exerceu uma pressão significativa sobre o estado psicológico dos pais, o que, por sua vez, pode ter influenciado suas decisões e atitudes em relação à educação e ao cuidado de seus filhos. Os resultados desta pesquisa mostram uma correlação entre altos níveis de ansiedade e depressão parental e um maior potencial de abuso infantil. Além disso, evidenciaram que um maior apoio parental e um maior autocontrole percebido durante a pandemia estão associados a um menor estresse percebido e a um menor potencial de abuso infantil.

O nível de confiança foi de 95% e erro de 5%, e a amostra foi ajustada em 20% para compensar a perda de adesão ou não ao questionário, totalizando uma amostra mínima de 235 participantes.

Neste estudo realizou-se uma análise de dados utilizando técnicas estatísticas descritivas e inferenciais. Para as variáveis qualitativas mostrou-se a distribuição de frequências absolutas e relativas. Já para as variáveis quantitativas utilizaram-se medidas de tendência central e verificou-se a normalidade com o teste de D’Agostino-Pearson.

A pesquisa também analisou como as variáveis independentes (categóricas) distribuíam-se em relação aos três graus da variável dependente, que é a permissão dos pais (categórica ordinal). Para isso, empregou-se o teste do Qui-quadrado.

Estabeleceu-se um erro alfa de 5% para rejeitar a hipótese nula, e os cálculos estatísticos foram realizados utilizando os programas BioEstat 5.3 e SPSS 27.

RESULTADOS

Foram obtidos dados de 541 participantes e seus filhos. Houve, contudo, respostas repetidas identificadas por *e-mail* (5) e data de nascimento (5) que foram excluídas. Crianças maiores de idade (65) também foram excluídas. O presente estudo, portanto, analisou dados de n=466 crianças e seus responsáveis. Destes, 88% eram do sexo feminino (n=410) e 12% do sexo masculino (n=56) e com idade entre 19 e 62 anos (média de 39.2±5.1 anos). As crianças tinham entre 3 e 10 anos de idade (média de 5.4±2.1 anos) e eram 50.2% (n=234) do sexo masculino.

Bloco 1: Atividade física e brincar com outras crianças

Quando questionados sobre a permissão de seu(sua) filho(a) para brincar/praticar atividades físicas com outras crianças em ambientes públicos, a maioria dos pais (87,76%) relatou ter diminuído a frequência de permissibilidade desse tipo de programação. Houve, entretanto, diferença significativa (p=0.0406*) para os pais cujo(a) filho(a) estava na faixa dos 3 a 6 anos (GA) (85.3%), que referiram não ter diminuído a frequência com que permitiam esse tipo de atividade durante a pandemia.

Os pais que procuraram renda extra (p=0.0007*) permitiram que seu(sua) filho(a) praticasse esse tipo de atividade ainda mais do que antes da pandemia. Aqueles pais cujo(a) filho(a) necessitava acompanhar o responsável ao se ausentar de casa (p=0.0453*) relataram que seu(sua) filho(a) brincou menos em ambientes públicos do que antes da pandemia, e as famílias que possuíam renda familiar (p=0.0458*) de até R\$11.300,00 mantiveram a frequência com que seu filho(a) brincava com outras crianças (Tabela 1).

Tabela 1 – Permite meu(minha) filho(a) brincar/praticar atividades físicas com outras crianças.

	Menos		Igual		Mais		p-valor
	N	%	n	%	n	%	n
Grupo conforme idade	409		46		11		p=0.0406*
GA (3 a 6 anos)	279	85.3	38	11.6	10	3.1	327
GB (7 a 10 anos)	130	93.5	8	5.8	1	0.7	139
Sexo da criança							p=0.7977
Masculino	203	86.8	25	10.7	6	2.6	234
Feminino	206	88.8	21	9.1	5	2.2	232
Quantas pessoas contribuem para a renda familiar?							p=0.8320
1	71	86.6	9	11.0	2	2.4	82
2	319	87.4	37	10.1	9	2.5	365
3	14	100.0	0	0.0	0	0.0	14
4	5	100.0	0	0.0	0	0.0	5
Qual a sua renda domiciliar?							p=0.0458*
Até 800	3	100.0	0	0.0	0	0.0	3
De 801 a 1800	5	100.0	0	0.0	0	0.0	5
De 1801 a 3100	18	81.8	2	9.1	2	9.1	22
Até 5700	52	98.1	1	1.9	0	0.0	53

De 5701 a 11300	122	84.1	22	15.2	1	0.7	145
De 11301 a 25500	124	89.2	9	6.5	6	4.3	139
Mais de 25001	85	85.9	12	12.1	2	2.0	99
Como trabalhou durante o período de Pandemia?							p=0.0007*
Home-office	196	92.5	13	6.1	3	1.4	212
Já estava desempregado	25	86.2	3	10.3	1	3.4	29
Manteve rotina de trabalho	88	81.5	19	17.6	1	0.9	108
Perdeu emprego	9	81.8	2	18.2	0	0.0	11
Procurou renda extra	5	62.5	1	12.5	2	25.0	8
Horário reduzido	80	87.0	8	8.7	4	4.3	92
Não respondeu	6	100.0	0	0.0	0	0.0	6
Você é responsável pelas atividades domésticas?							p=0.5427
Não	50	84.7	7	11.9	2	3.4	59
Parcialmente	248	86.7	30	10.5	8	2.8	286
Totalmente	111	91.7	9	7.4	1	0.8	121
As atividades domésticas influenciam sua rotina?							p=0.4177
Não	23	76.7	6	20.0	1	3.3	30
Parcialmente	156	88.6	16	9.1	4	2.3	176
Totalmente	230	88.5	24	9.2	6	2.3	260
Quando se ausenta de casa quem cuida do(a)s seu(sua)(s) filho(a)(s)?							p=0.0453*
Ficam sozinhos	11	91.7	0	0.0	1	8.3	12
Funcionário	135	86.0	18	11.5	4	2.5	157
Parentes	172	92.0	13	7.0	2	1.1	187
Saem com responsável	65	78.3	14	16.9	4	4.8	83
Outros	26	96.3	1	3.7	0	0.0	27

Bloco 2: Frequentar casa de amigos/familiares

No que se refere a permitir que os(as) filho(a)s frequentassem a casa de amigos e familiares, a maioria dos participantes afirmou ter permitido menos esse tipo de atividade após o início da pandemia (90,34%). Houve diferença significativa em quatro variáveis: a forma de trabalho durante a pandemia, o responsável pelas atividades domésticas, a influência das atividades domésticas na rotina e quem se responsabilizava pela criança na ausência do respondente.

Os pais que procuraram renda extra ($p=0.0051^*$), os que não eram responsáveis pelas atividades domésticas ($p=0.0077^*$) e aqueles que as atividades domésticas não afetavam a sua rotina ($p=0.0079^*$) não alteraram a frequência com que permitiram seu(sua) filho(a) frequentar a casa de amigos e familiares. Já os que responderam que as crianças os acompanhavam quando se ausentavam de casa ($p=0.0136^*$), passaram a permitir que o(a) filho(a) frequentasse a casa de amigos e familiares menos do que antes da pandemia (Tabela 2).

Tabela 2 – Permiti meu filho(a) frequentar a casa de amigos/familiares

	Menos		Igual		Mais		p-valor
	n	%	n=	%	n=	%	N
Grupo conforme idade							p=0.2095
GA (3 a 6 anos)	291	89.0	26	8.0	10	3.1	327
GB (7 a 10 anos)	130	93.5	8	5.8	1	0.7	139
Sexo da criança							p=0.2575
Masculino	209	89.3	21	9.0	4	1.7	234
Feminino	212	91.4	13	5.6	7	3.0	232
Quantas pessoas contribuem para a renda familiar?							p=0.8854
1	73	89.0	8	9.8	1	1.2	82
2	330	90.4	25	6.8	10	2.7	365
3	13	92.9	1	7.1	0	0.0	14
4	5	100.0	0	0.0	0	0.0	5
Qual a sua renda domiciliar?							p=0.8946
Até 800	3	100.0	0	0.0	0	0.0	3
De 801 a 1800	5	100.0	0	0.0	0	0.0	5
De 1801 a 3100	19	86.4	2	9.1	1	4.5	22
Até 5700	51	96.2	2	3.8	0	0.0	53
De 5701 a 11300	128	88.3	14	9.7	3	2.1	145
De 11301 a 25500	127	91.4	9	6.5	3	2.2	139
Mais de 25001	88	88.9	7	7.1	4	4.0	99
Como trabalhou durante o período de Pandemia?							p=0.0051*
Home-office	196	92.5	11	5.2	5	2.4	212
Já estava desempregado	27	93.1	0	0.0	2	6.9	29
Manteve rotina de trabalho	94	87.0	13	12.0	1	0.9	108
Perdeu emprego	11	100.0	0	0.0	0	0.0	11
Procurou renda extra	5	62.5	3	37.5	0	0.0	8
Horário reduzido	83	90.2	7	7.6	2	2.2	92
Não respondeu	5	83.3	0	0.0	1	16.7	6
Você é responsável pelas atividades domésticas?							p=0.0077*
Não	48	81.4	10	16.9	1	1.7	59
Parcialmente	259	90.6	17	5.9	10	3.5	286
Totalmente	114	94.2	7	5.8	0	0.0	121
As atividades domésticas influenciam sua rotina?							p=0.0079*
Não	23	76.7	7	23.3	0	0.0	30
Parcialmente	160	90.9	10	5.7	6	3.4	176
Totalmente	238	91.5	17	6.5	5	1.9	260
Quando se ausenta de casa, quem cuida do(a)(s) seu(sua)(s) filho(a)(s)?							p=0.0136*
Ficam sozinhos	11	91.7	1	8.3	0	0.0	12
Funcionário	140	89.2	13	8.3	4	2.5	157

Parentes	179	95.7	7	3.7	1	0.5	187
Saem com responsável	67	80.7	12	14.5	4	4.8	83
Outros	24	88.9	1	3.7	2	7.4	27

Bloco 3: Levar para lojas, mercados, *shoppings* e similares

Com relação a levar a criança para lojas, mercados, *shoppings* e similares, quase a totalidade dos participantes (95,92%) afirmaram reduzir a frequência com que levavam seus filhos a estes ambientes. Não houve diferença significativa em nenhuma das variáveis pesquisadas (Tabela 3).

Tabela 3 – Levei meu filho(a) para lojas, mercados, *shoppings* e similares

	Menos		Igual		Mais		p-valor
	n=	%	n	%	n	%	N
Grupo conforme idade							p=0.3929
GA (3 a 6 anos)	311	95.1	11	3.4	5	1.5	327
GB (7 a 10 anos)	136	97.8	2	1.4	1	0.7	139
Sexo da criança							p=0.2748
Masculino	223	95.3	9	3.8	2	0.9	234
Feminino	224	96.6	4	1.7	4	1.7	232
Quantas pessoas contribuem para a renda familiar?							p=0.9833
1	78	95.1	3	3.7	1	1.2	82
2	350	95.9	10	2.7	5	1.4	365
3	14	100.0	0	0.0	0	0.0	14
4	5	100.0	0	0.0	0	0.0	5
Qual a sua renda domiciliar?							p=0.8738
Até 800	3	100.0	0	0.0	0	0.0	3
De 801 a 1800	5	100.0	0	0.0	0	0.0	5
De 1801 a 3100	20	90.9	1	4.5	1	4.5	22
Até 5700	52	98.1	0	0.0	1	1.9	53
De 5701 a 11300	141	97.2	3	2.1	1	0.7	145
De 11301 a 25500	133	95.7	4	2.9	2	1.4	139
Mais de 25001	93	93.9	5	5.1	1	1.0	99
Como trabalhou durante o período de Pandemia?							p=0.2237
Home-office	208	98.1	2	0.9	2	0.9	212
Já estava desempregado	28	96.6	1	3.4	0	0.0	29
Manteve rotina de trabalho	100	92.6	7	6.5	1	0.9	108
Perdeu emprego	11	100.0	0	0.0	0	0.0	11
Procurou renda extra	7	87.5	1	12.5	0	0.0	8
Horário reduzido	87	94.6	2	2.2	3	3.3	92
Não respondeu	6	100.0	0	0.0	0	0.0	6
Você é responsável pelas atividades domésticas?							p=0.6165

Não	56	94.9	3	5.1	0	0.0	59
Parcialmente	276	96.5	6	2.1	4	1.4	286
Totalmente	115	95.0	4	3.3	2	1.7	121
As atividades domésticas influenciam sua rotina?							p=0.1494
Não	27	90.0	3	10.0	0	0.0	30
Parcialmente	169	96.0	4	2.3	3	1.7	176
Totalmente	251	96.5	6	2.3	3	1.2	260
Quando se ausenta de casa, quem cuida do(a)(s) seu(sua)(s) filho(a)(s)?							p=0.1585
Ficam sozinhos	12	100.0	0	0.0	0	0.0	12
Funcionário	148	94.3	7	4.5	2	1.3	157
Parentes	185	98.9	1	0.5	1	0.5	187
Saem com responsável	76	91.6	4	4.8	3	3.6	83
Outros	26	96.3	1	3.7	0	0.0	27

Bloco 4: Uso de dispositivos eletrônicos

Considerando o uso dos dispositivos eletrônicos para entretenimento, a maioria dos pais (76,82%) passou a permitir que seu(sua) filho(a) fizesse mais uso desse tipo de tecnologia após o início da pandemia de Covid-19. Somente as variáveis renda familiar ($p < 0.0001^*$) e forma de trabalho na pandemia ($p = 0.0148^*$) apresentaram significância estatística. Os pais com renda familiar de até R\$ 800,00 e aqueles que buscaram renda extra acabaram por diminuir a frequência de uso de dispositivos eletrônicos por seus filhos após o início da pandemia (Tabela 4).

Tabela 4 – Uso de dispositivos eletrônicos para entretenimento

	Menos		Igual		Mais		p-valor
	n	%	n	%	N	%	n
Grupo conforme idade							p= 0.0961
GA (3 a 6 anos)	12	3.7	71	21.7	244	74.6	327
GB (7 a 10 anos)	1	0.7	24	17.3	114	82.0	139
Sexo da criança							p= 0.9013
Masculino	7	3.0	46	19.7	181	77.4	234
Feminino	6	2.6	49	21.1	177	76.3	232
Quantas pessoas contribuem para a renda familiar?							p= 0.2215
1	5	6.1	22	26.8	55	67.1	82
2	8	2.2	68	18.6	289	79.2	365
3	0	0.0	4	28.6	10	71.4	14
4	0	0.0	1	20.0	4	80.0	5
Qual a sua renda domiciliar?							p<0.0001*
Até 800	1	33.3	1	33.3	1	33.3	3
De 801 a 1800	1	20.0	3	60.0	1	20.0	5
De 1801 a 3100	3	13.6	7	31.8	12	54.5	22
Até 5700	2	3.8	14	26.4	37	69.8	53

De 5701 a 11300	1	0.7	26	17.9	118	81.4	145
De 11301 a 25500	3	2.2	28	20.1	108	77.7	139
Mais de 25001	2	2.0	16	16.2	81	81.8	99
Como trabalhou durante o período de Pandemia?							p= 0.0148*
Home-office	4	1.9	40	18.9	168	79.2	212
Já estava desempregado	1	3.4	4	13.8	24	82.8	29
Manteve rotina de trabalho	1	0.9	27	25.0	80	74.1	108
Perdeu emprego	1	9.1	0	0.0	10	90.9	11
Procurou renda extra	2	25.0	1	12.5	5	62.5	8
Horário reduzido	4	4.3	22	23.9	66	71.7	92
Não respondeu	0	0.0	1	16.7	5	83.3	6
Você é responsável pelas atividades domésticas?							p= 0.4953
Não	1	1.7	12	20.3	46	78.0	59
Parcialmente	8	2.8	52	18.2	226	79.0	286
Totalmente	4	3.3	31	25.6	86	71.1	121
As atividades domésticas influenciam sua rotina?							p= 0.7035
Não	1	3.3	8	26.7	21	70.0	30
Parcialmente	3	1.7	37	21.0	136	77.3	176
Totalmente	9	3.5	50	19.2	201	77.3	260
Quando se ausenta de casa, quem cuida do(a)(s) seu(sua)(s) filho(a)(s)?							p= 0.8877
Ficam sozinhos	0	0.0	3	25.0	9	75.0	12
Funcionário	3	1.9	28	17.8	126	80.3	157
Parentes	7	3.7	37	19.8	143	76.5	187
Saem com responsável	2	2.4	20	24.1	61	73.5	83
Outros	1	3.7	7	25.9	19	70.4	27

DISCUSSÃO

Os achados do presente estudo apontam para mudanças na permissividade dos pais em todos os desfechos avaliados. Após o início da pandemia de Covid-19, os pais permitiram que seu(sua) filho(a) brincasse/praticasse atividades físicas com outras crianças em ambientes públicos numa frequência menor do que quando não havia pandemia, diminuíram a frequência com que deixaram que seu(sua) filho(a) frequentasse a casa de amigos/familiares, passaram a levar menos seu(sua) filho(a) para lojas, mercados, *shoppings* e similares e permitiram que seu(sua) filho(a) fizesse uso de dispositivos eletrônicos para entretenimento com maior frequência do que antes do início da pandemia de Covid-19.

Os dados encontrados corroboram os achados de uma pesquisa¹² realizada em 2021 que observou redução de 61% das atividades físicas das crianças durante a pandemia, e que alerta para a essencialidade das atividades físicas, que são, principalmente nessa faixa etária, para o desenvolvimento cognitivo, prevenção da obesidade e controle dos fatores de risco cardiometabólicos¹¹.

O desenvolvimento infantil (motor, afetivo e cognitivo) é gerado pela interação com o meio, o próprio corpo e outras crianças e adultos¹⁰. A diminuição da prática de atividade física e do brincar,

aferida no presente estudo, pode ter implicações na aprendizagem, desenvolvimento e sociabilização. O brincar é uma das formas de adquirir habilidades, expressar sentimentos e angústias e construir emoções dentro de si, e a falta de experiências lúdicas pode provocar atrasos no desenvolvimento¹³. Para Piaget, o crescimento cognitivo e psicossocial ocorre em quatro estágios, posto que as crianças envolvidas nesta pesquisa estão vivenciando o pré-operatório (2 a 7 anos), momento em que ocorre o desenvolvimento da imaginação e da memória, e o operacional concreto (7 a 11 anos), quando entendem a existência de regras e de diferentes opiniões sobre o mesmo assunto¹⁰.

À medida que as crianças interagem elas vão acrescentando novas informações e testando seus conhecimentos, sendo essa interação extremamente importante para a sedimentação de aprendizados anteriores e o desenvolvimento de novas habilidades¹⁰. Isso traz um alerta para o momento de pandemia em razão do isolamento vivenciado pelas crianças, conforme observado neste e em outros estudos^{14,15}.

Na Holanda houve um declínio de 3% no aprendizado de aproximadamente 350.000 crianças de 8 a 11 anos após o início da pandemia. Nas famílias que os pais tinham baixa escolaridade a redução foi de 40% em relação a um aluno médio¹⁶. Um estudo realizado em 2020, ainda no início da pandemia, observou que os conhecimentos de leitura e matemática de 4,4 milhões de alunos do 3º ao 8º ano dos Estados Unidos foram de 5% a 10% menor do que em um ano letivo normal¹⁶. Na Bélgica¹⁸ foram identificadas perdas significativas de aprendizado e aumento substancial na desigualdade educacional.

A diminuição da frequência com que os pais deixaram as crianças frequentarem a casa de parentes e amigos durante a pandemia e o conseqüente isolamento e a falta de relações interpessoais constatada neste estudo, corroboram os achados em diversos trabalhos realizados recentemente que alertam para o potencial impacto na saúde mental e no bem-estar das crianças. Um estudo de revisão sistemática, realizado em 2021, concluiu que houve piora na saúde mental de crianças e adolescentes nos últimos anos, provavelmente devido à pandemia¹⁹.

Uma revisão sistemática feita em 2021 apontou diversos fatores de risco para o desenvolvimento infantil saudável, entre eles o isolamento social²⁰. Na América Latina, levantamentos realizados por telefone mostraram que crianças menores de 6 anos no Chile passaram a dormir pior (29%) e a comer pior (16%), e na Argentina os percentuais foram de 46% e 48%, respectivamente²¹.

Crianças precisam naturalmente de espaço recreativo para se desenvolverem cognitivamente e socialmente, e o lazer proporciona atividades educativas, de socialização e amadurecimento cognitivo e psicossocial²². Outra revisão sistemática concluiu que crianças e adolescentes são mais propensos a desenvolver altas taxas de depressão e ansiedade durante e após o término do isolamento forçado⁷.

É no processo de interação que as crianças aprendem a realizar suas próprias atividades sob a orientação de outras pessoas e, posteriormente, de forma independente. Esse aprendizado requer observação e experiência com outros, sejam da mesma idade ou com mais experiência, sendo imprescindível ao desenvolvimento cognitivo, emocional, linguístico e motor²². O isolamento verificado neste estudo pode ter reduzido as possibilidades de aprendizado de formas diferentes de “fazer” e “ser”, uma vez que limitou a convivência a número reduzido de pessoas, bem como o estímulo à criatividade.

Outro aspecto observado nesta pesquisa foi a diminuição da frequência com que os pais levaram as crianças para lojas, mercados, *shoppings* e similares, provavelmente buscando diminuir a chance de contágio de seus filhos. O contato com lugares novos estimula a aprendizagem, cria novas memórias e favorece, conseqüentemente, o desenvolvimento cognitivo da criança. Considerando o cenário pandêmico, entretanto, era esperado esse tipo mudança de comportamento, uma vez que os riscos precisavam ser mitigados, mesmo que, em contrapartida, houvesse prejuízo nesse tipo de aprendizagem.

O desenvolvimento infantil somente funciona se as crianças conseguirem organizar-se livremente por todo o território, sem barreiras para o desenvolvimento de suas habilidades, podendo construir livremente seus vínculos físicos e emocionais²⁴. Uma pesquisa realizada no Chile, com 10.013 pais com filhos menores de 6 anos, mostrou que 55% deles passaram a não sair mais de casa após o início da pandemia²¹.

Outro resultado do presente estudo foi o aumento do uso dos dispositivos eletrônicos com a chegada da pandemia, corroborando uma pesquisa realizada nos Estados Unidos que, ao pesquisar o uso de telas com 129 pais de crianças de 2 a 11 anos, encontrou um aumento de 50 minutos por dia depois que a pandemia teve início²⁵.

Outros dois estudos, realizados na Índia²⁶ e em Portugal²⁷, além do aumento do tempo de tela, observaram aumento do sedentarismo, interrupções no sono e diminuição da frequência de atividade física. No Brasil, uma pesquisa realizada com 100 crianças de 2 a 12 anos não encontrou associação entre tecnologias digitais e Índice de Massa Corpórea (IMC), entretanto concluiu que crianças eutróficas fazem menos uso de telas do que as com sobrepeso, obesidade e baixo peso²⁸.

As brincadeiras tradicionais, envolvendo faz de conta, imaginação e o movimentar do corpo, têm perdido espaço no cotidiano infantil e vêm sendo substituídas por brinquedos digitais, *smartphones*, *tablets* e computadores²⁹. Os resultados do presente estudo corroboram essa constatação e, assim como os outros poucos estudos realizados após a instalação da pandemia, sugerem que esse evento tenha acelerado esse processo.

Um estudo realizado em 2019 já mostrou aumento do uso de telas por crianças enquanto os pais executavam tarefas diárias (70%) ou tarefas domésticas (59.6 %), para acalmá-las (65%) e para dormir (29%)³⁰. Com a pandemia surgiu uma nova tarefa – trabalhar e monitorar os filhos simultaneamente – e, nesse momento, os dispositivos eletrônicos se tornaram grandes aliados.

Ainda que o uso de dispositivos possa auxiliar na manutenção da socialização e aprendizados em tempos de isolamento, cabe destacar que a interatividade com as telas limita o contato físico com pessoas e, conseqüentemente, os momentos que envolvem troca de olhares, toques, palavras e gestos, podendo ter conseqüências psíquicas em seu desenvolvimento³¹. Além disso, causa a falsa sensação de autonomia, tanto nas crianças quanto nos pais, de que a criança tenha aprendido a ficar só³².

É importante mencionar que a coleta de dados pela internet é uma das limitações deste estudo, posto que pode não atingir todos os estratos populacionais (como pessoas de menor escolaridade/renda). Além disso, houve concentração do recebimento de respostas nas regiões Centro-Oeste e Sul do país, o que impossibilitou a representatividade da amostra. Outro ponto a ser observado na interpretação dos resultados é a possível classe social atingida pela pesquisa, evidenciada pela renda familiar alta, que pode enviesar os resultados.

CONCLUSÃO

O presente estudo apontou mudanças significativas na permissividade dos pais no que se refere ao uso de dispositivos eletrônicos e atividades sociais devido ao isolamento requerido pela pandemia da Covid-19. Os pais informaram que após o início da pandemia de Covid-19 permitiram numa menor frequência que seu filho brincasse ou praticasse atividades físicas com outras crianças em ambientes públicos, frequentasse a casa de amigos/familiares, lojas, mercados e *shoppings*. Permitiram, no entanto, que seu(sua) filho(a) fizesse maior uso de dispositivos eletrônicos para entretenimento.

REFERÊNCIAS

- ¹ Organização Mundial da Saúde. OMS anuncia surto de Covid-19 como pandemia. Genebra: Organização Mundial da Saúde; 2020.
- ² Qualls N, Levitt A, Kanade N, Wright-Jegede N, Dopson S, Biggerstaff M, et al. Community Mitigation Guidelines to Prevent Pandemic Influenza – United States. Atlanta (GA): Morbidity and Mortality Weekly Report. Recommendations and Reports. Apr. 2017;66(1):1-34. Sponsored by the Centers for Disease Control and Prevention.
- ³ Anderson RM, Heesterbeek H, Klinkenberg D, Hollingsworth TD. How will country-based mitigation measures influence the course of the Covid-19 epidemic? *The Lancet*. 2020;395(10228):931-934.
- ⁴ Kauhanen L, Wan Mohd Yunus WMA, Lempinen L, et al. A systematic review of the mental health changes of children and young people before and during the Covid-19 pandemic. *Eur Child Adolesc Psychiatry*. 2023;32(6):995-1.013.
- ⁵ Wunsch K, Kienberger K, Niessner C. Changes in Physical Activity Patterns Due to the Covid-19 Pandemic: A Systematic Review and Meta-Analysis. *Int J Environ Res Public Health*. 2022;19(4):2.250.
- ⁶ Brooks SK, Webster RK, Smith LE, et al. The Psychological Impact of Quarantine and How to Reduce it: Rapid Review of the Evidence. *The Lancet*. 2020;395(10227):912-920.
- ⁷ Loades ME, Chatburn E, Higson-Sweeney N, et al. Rapid Systematic Review: The Impact of Social Isolation and Loneliness on the Mental Health of Children and Adolescents in the Context of COVID-19. *J Am Acad Child Adolesc Psychiatry*. 2020;59(11):1.218-1.239.e3.
- ⁸ Waller R, Chester M, Rodriguez Y, Wagner NJ. Development of the Parenting In a Pandemic Scale (PIPS). *PsyArXiv*; 2020. Disponível em: psyarxiv.com/f8tzm
- ⁹ Baumrind D. Effects of Authoritative Parental Control on Child Behavior. *Child Development*. 1966;37(4):887-907.
- ¹⁰ Piaget J. A formação do símbolo na criança, imitação, jogo, sonho, imagem e representação de jogo. São Paulo: Zanhar; 1971.
- ¹¹ Brown SM, Doom JR, Lechuga-Peña S, Watamura SE, Koppels T. Stress and parenting during the global Covid-19 pandemic. *Child Abuse Negl*. 2020;110(Pt 2):104699.
- ¹² Gilbert AS, Schmidt L, Beck A, Kepper MM, Mazzucca S, Eyler A. Associations of physical activity and sedentary behaviors with child mental well-being during the Covid-19 pandemic. *BMC Public Health*. 2021 Sep 28;21(1):1.770.
- ¹³ Vygotsky LS. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes; 2007.
- ¹⁴ Kharel M, Sakamoto JL, Carandang RR, et al. Impact of Covid-19 pandemic lockdown on movement behaviours of children and adolescents: a systematic review. *BMJ Glob Health*. 2022;7(1).
- ¹⁵ Park AH, Zhong S, Yang H, Jeong J, Lee C. Impact of Covid-19 on physical activity: A rapid review. *J Glob Health*. 2022 Apr. 30;12:05003.
- ¹⁶ Engzell P, Frey A, Verhagen MD. Learning loss due to school closures during the Covid-19 pandemic. *Proc Natl Acad Sci U S A*. 2021 Apr. 27;118(17).
- ¹⁷ Kuhfeld M, Tarasawa B. The COVID-19 slide: What summer learning loss can tell us about the potential impact of school closures on student academic performance. NWEA, Center for School & Student Progress and the Collaborative; Apr. 2020.
- ¹⁸ Maldonado JE, De Witte K. The effect of school closures on standardised student test outcomes. *British Educational Research Journal*. 2021;48(1).
- ¹⁹ Oliveira JMD de, Butini L, Pauletto P, et al. Mental health effects prevalence in children and adolescents during the Covid-19 pandemic: A systematic review. *Worldviews on Evidence-Based Nursing*. 2022;19(2):130-137.
- ²⁰ Araújo LA de, Veloso CF, Souza M de C, Azevedo JMC de, Tarro G. The potential impact of the Covid-19 pandemic on child growth and development: a systematic review. *Jornal De Pediatria*. 2020;97(4):369-377.
- ²¹ Guerrero G. (Fondo de las Naciones Unidas para la Infancia, Oficina Regional para América Latina y el Caribe de Unicef). Midiendo el impacto de la Covid-19 en los niños y niñas menores de seis años en América Latina y el Caribe: Mapeo de encuestas en curso y sistematización de lecciones aprendidas. Washington (DC): Diálogo Interamericano; Informe Enero 2021.
- ²² Lopes JJM. Geografia das Crianças, Geografias das Infâncias: as contribuições da Geografia para os estudos das crianças e sua infância. *Revista Contexto & Educação*. 2008;23(79):65-82.
- ²³ Bessa A. Práticas de socialização entre adultos e crianças, e estas entre si, no interior da creche. 2008;19(1):97-114.
- ²⁴ Meloni A, Marin FADG. A cidade e o brincar: análise de espaços públicos de brincar de Assis-SP. *GEOUSP Espaço e Tempo (On-line)*. 2021;25(1).
- ²⁵ Eales L, Gillespie S, Alstat RA, Ferguson GM, Carlson SM. Children’s screen and problematic media use in the United States before and during the Covid-19 pandemic. *Child Dev*. 2021;92(5):e866-e882.
- ²⁶ Dutta K, Mukherjee R, Sen D, Sahu S. Effect of Covid-19 lockdown on sleep behavior and screen exposure time: an observational study among Indian school children. *Biological Rhythm Research*. Published on-line. Oct. 14 2020;1-12.

- ²⁷ Pombo A, Luz C, Rodrigues LP, Ferreira C, Cordovil R. Correlates of children's physical activity during the COVID-19 confinement in Portugal. *Public Health*. 2020;189:14-19.
- ²⁸ Piassetzki CT da R, Boff ET de O, Battisti IDE. Influência da Família na Formação dos Hábitos Alimentares e Estilos de Vida na Infância. *Rev Cont Saude*. 2020;20(41):13-24.
- ²⁹ Quatrin AN, Cassel PA. Between play and the screen: the repercussions on children's emotional development. *RSD*. 2020 July 21;9(8).
- ³⁰ Kabali HK, Irigoyen MM, Nunez-Davis R, et al. Exposure and Use of Mobile Media Devices by Young Children. *Pediatrics*. 2015;136(6):1.044-1.050.
- ³¹ Pereira BS, Arrais TS. A influência das tecnologias na infância: vantagens e desvantagens. IV Colóquio Internacional Educação, Cidadania e Exclusão; 9 e 30 de junho de 2015; Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. Campina Grande: Realize; 2015.
- ³² Gueller AS. Droga de celular! Reflexões psicanalíticas sobre o uso de eletrônicos. In: Baptista A, & Jerusalinsky J. *Intoxicações eletrônicas: o sujeito na era das relações virtuais*. Salvador: Ágalma; 2017. p. 67.

Submetido em: 24/5/2023

Aceito em: 4/10/2023

Publicado em: 5/4/2024

Contribuições dos autores:

Marina Steinbach: Metodologia, Análise Formal, Redação do manuscrito original, Redação - revisão e edição.

Pedro Vitali Kammer: Conceituação, Curadoria de dados, Investigação.

Camila Alvarenga da Silva: Conceituação, Curadoria de dados, Investigação.

Kleyslla Souza Santos: Conceituação, Curadoria de dados, Investigação.

Victor André Silva de Lima: Conceituação, Curadoria de dados, Investigação

Carla Massignan: Conceituação, Metodologia, Administração do projeto Supervisão.

Michele da Silva Bolan: Conceituação, Metodologia, Administração do projeto Supervisão.

Todos os autores aprovaram a versão final do texto.

Conflito de interesse: Não há conflito de interesse.

Não possui financiamento

Autor correspondente:

Marina Steinbach

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

R. Eng. Agrônomo Andrei Cristian Ferreira, s/n – Trindade, CEP 88040-900

Florianópolis/SC, Brasil

marina.sbach@gmail.com

EDITORES:

Editor associado: Dra. Eliane Roseli Winkelmann

Editora chefe: Dra. Adriane Cristina Bernat Kolankiewicz

Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob os termos da licença Creative Commons.

